

## UM ESTUDO INTERDISCIPLINAR NA EDUCAÇÃO DO CAMPO POR MEIO DA GINCANA

### RESUMO

Este resumo é fruto de uma ação interdisciplinar ocorrida no Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura no município de Feira de Santana/BA e faz parte das atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Educação do Campo. A gincana emerge com o objetivo de apresentar provas com conteúdo escolares diversos e interdisciplinares, integrando diferentes áreas do conhecimento de forma criativa. Durante a gincana foram desenvolvidas atividades atrativas e integradas como a “corrida dos números”, na qual os alunos precisavam aplicar habilidades matemáticas para avançar de fases; também abordamos atividades culturais para impulsionar os saberes locais. Realizamos provas com o desafio de criação de mascote e grito de guerra, bem como o reforço de bases para o fortalecimento de laços entre a escola e os estudantes, por meio da construção coletiva do hino e do brasão da escola, para representar a instituição. Com o viés metodológico colaborativo e de abordagem qualitativa, o estudo realizado sobre a gincana, enquanto atividade interdisciplinar, foi desenvolvido com o propósito de registrar e analisar a experiência vivenciada, potencializando a construção do conhecimento coletivo, a interação entre a construção do conhecimento e o fortalecimento do desenvolvimento territorial, indispensável para a Educação do Campo. Embasamos nossa reflexão em Fazenda (1994), Caldart (2009), Freire (2016), dentre outros autores, para alargar a visão de interdisciplinaridade e da Educação do Campo como um lugar de resistência. Os resultados da Gincana mostram que, por meio do lema “Identidade, Territorialidade e Sustentabilidade”, podemos ampliar saberes com os próprios recursos gerados no campo, fortalecendo o protagonismo estudantil, integrando saberes escolares e cultura popular, como incentivo ao trabalho coletivo, à ampliação de habilidades criativas, cognitivas e sociais, além de uma aproximação entre escola e comunidade e a reafirmação de práticas que estão alinhadas aos territórios. Ainda há muitas ações que podem ser feitas, por isso continuaremos a plantar as sementes para colher novos frutos.

**Palavras-chave:** Gincana, Educação do Campo, Identidades, Protagonismo Estudantil, Interdisciplinaridade.



## INTRODUÇÃO

A gincana com o título “Nordeste vivo, Ipuacu presente: nossas vozes e nossas origens”, ocorreu nos dias 07 e 08 de agosto de 2025 no Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura (CECEMB), em Ipuacu, município de Feira de Santana/BA. Teve como objetivo “a celebração da identidade nordestina, do pertencimento territorial e da construção coletiva de saberes” (Edital Gincana CECEMB, 2025). Por meio de atividades educativas, culturais e lúdicas, reuniu estudantes, professores e a comunidade escolar, reafirmando os fundamentos da Educação do Campo.

A gincana escolar é uma abordagem lúdica, criativa e enriquecedora para o aprendizado, que se destaca por desenvolver habilidades essenciais, como cognição, criatividade, cooperação e afetividade. Ao participar de uma gincana, os estudantes são estimulados a buscar conhecimentos de forma interativa, integrando saberes, em uma dinâmica interdisciplinar e de trabalho coletivo.

O segundo princípio da Educação do Campo (Decreto 7.352. Art. 2º, 2010) faz um chamado ao “respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracionais, de raça e etnia”. Isso significa que a educação deve reconhecer e valorizar as particularidades de cada comunidade, promovendo um aprendizado que se relacione diretamente com a realidade de seus estudantes. Portanto, o tema da gincana, trabalhado de maneira interdisciplinar, buscou por meio do reconhecimento e valorização da cultura nordestina, despertar o olhar dos estudantes para a riqueza que há na diversidade cultural da nossa região.

Dialogando com Fazenda (1994), entendemos que nossa participação, enquanto Pibidianos, se deu de maneira colaborativa, o que também nos permitiu, por meio da observação, registrar a experiência e identificar novas perspectivas que emergiram do exercício de ações interdisciplinares. A autora discute sobre a importância da memória que fica nos registros dessas experiências, destacando que:

“O recurso utilizado - memória - tem sido fundamental, na medida em que permite desenhar um quadro já vivido, sempre o faz de maneira diferente. Queremos dizer com isso da importância de se considerar o recurso da memória como possibilidade de releitura crítica e multiperspectival de fatos ocorridos nas práticas docentes (1994, p.83)

A interdisciplinaridade envolve a interação entre diferentes disciplinas, criando novas relações e conhecimentos. É quando duas ou mais áreas do saber se encontram e se complementam, gerando





novas perspectivas e aprendizados. A interdisciplinaridade busca integrar diferentes campos de estudo para entender melhor um conteúdo. O trabalho interdisciplinar na escola ajuda os professores a

trabalharem juntos, compartilhando conhecimentos e ideias de suas disciplinas para abordar temas de forma mais completa e significativa.

Fazenda afirma que a interdisciplinaridade depende mais da interação entre pessoas do que da interseção entre áreas de conhecimento. Nesse contexto, numa sala de aula ou numa gincana com abordagem interdisciplinar, "...a obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância pela humildade; a solidão pela cooperação; a especialização pela generalidade; o grupo homogêneo pelo heterogêneo; a reprodução pela produção de conhecimento" (1994, p. 86). A coletividade construída sob os alicerces da colaboração, compromisso e respeito às diferenças, torna as interações mais produtivas e o ambiente acolhedor.

O presente artigo é um Relato de Experiência, um tipo de texto que constitui uma forma de compartilhar conhecimentos adquiridos por meio de vivências acadêmicas, profissionais ou de outra natureza. Ele se caracteriza pela descrição detalhada das intervenções realizadas, apoiada por uma base científica e uma reflexão crítica sobre a experiência (Mussi; Flores; Almeida, 2021, p.65). Considerando essa abordagem, apresentamos um Relato de Experiência construído de maneira colaborativa, envolvendo os Pibidianos que atuam no CECEMB e vivenciaram as ações da gincana. A parceria foi fundamental para concretização do presente texto, como afirma Fazenda:

"A parceria, seria por assim dizer, a possibilidade de que um pensar venha a se complementar com o outro. A produção em parceria, quando revestida do rigor, da autenticidade e do compromisso, amplia a possibilidade de execução de um projeto interdisciplinar. Ela consolida, alimenta, registra e enaltece as boas produções na área da educação" (1994, p.85)

Nesse sentido, buscamos com esse relato de experiência, registrar e analisar a experiência vivenciada, potencializando a construção do conhecimento coletivo, a interação entre a construção do conhecimento e o fortalecimento do desenvolvimento territorial indispensável à Educação do Campo. Embasamos nosso olhar em Fazenda (2011), Caldart (2019), Freire (2016) dentre outros, para alargar a visão de interdisciplinaridade e da Educação do Campo como um lugar de resistência.

Para Caldart,(2019), o trabalho coletivo, a agricultura familiar e a educação emancipatória, três raízes que estão na origem da Educação do Campo e não podem ser esquecidas, pois fundamentam uma educação que valoriza identidades, fortalece as comunidades e afirma o campo





como espaço de produção de conhecimento e de dignidade humana. Essas raízes continuam sendo eixos balizadores da luta pela materialização de uma experiência educativa emancipatória, alinhada ao

reconhecimento de nossa conexão com a natureza e de nossa condição de ser para a liberdade, em um movimento de construção de um projeto de campo comprometido com a dignidade de todos/as que vivem e produzem suas existências em espaços camponeses. Essas raízes balizadoras da Educação do Campo, nos inspiram a potencializar, validar e a aprender o sentido da docência criativa, crítica e interdisciplinar na Educação do campo.

O texto está organizado em cinco seções, onde buscamos compartilhar e analisar a experiência da gincana do CECEMB. Na Introdução, são apresentados o contexto e o embasamento teórico para a escrita colaborativa do relato de experiência. No Percorso Metodológico, evidenciamos a importância do registro e análise das percepções que nós, pibidianos, tivemos acerca da gincana e da maneira como sistematizamos essas considerações sobre a iniciação à docência, a interdisciplinaridade e o diálogo dos estudantes. Os Resultados e Discussões apresentam as provas que foram realizadas durante a gincana, incorporando conteúdos escolares de diferentes áreas do conhecimento, a valorização da cultura nordestina, promovendo, assim, o senso de pertencimento. Nessa seção, relatamos sobre presenciar a afetividade nas relações entre os estudantes e a comunidade escolar, caracterizando a educação inclusiva. Por fim, nas Considerações Finais, são apresentadas as principais conclusões sobre a experiência da gincana e o processo de elaboração deste relato.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A gincana interdisciplinar, realizada no Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura, em Feira de Santana/BA, foi desenvolvida com uma abordagem qualitativa e colaborativa, buscando entender o comportamento dos alunos ao desenvolver atividades em conjunto e construir estratégias para solucionar os desafios apresentados. O objetivo da Gincana foi analisar a experiência dos alunos em atividades interdisciplinares como ferramenta de construção do conhecimento de forma coletiva, com foco na interdisciplinaridade e no fortalecimento da relação entre a escola e a comunidade do campo.

Partindo desse propósito, e seguindo a mesma lógica do trabalho colaborativo, nos propomos fazer o registro do vivido, da escuta e percepções das ações da Gincana para registrar e analisar a experiência vivenciada, refletindo sobre as aprendizagens possíveis em relação a iniciação à docência,





pelas dimensões da reflexão sobre Educação do Campo, interdisciplinaridade e interação dos estudantes durante o trabalho coletivo. Para tanto, afirmamos a importância do relato de experiência enquanto caminho metodológico, ancorado na pesquisa qualitativa.

Essa abordagem, para além de viabilizar a descrição das vivências, permite refletir e sistematizar as aprendizagens e os desafios das interações socioculturais, presentes no movimento de construção coletiva, envolvendo a diversidade de sujeitos, saberes e culturas que envolvem o contexto de uma escola do campo, na relação com a comunidade. Dessa maneira, a experiência é aqui entendida como o que nos toca (Larrosa, 2022) e, portanto, nos provoca a registrar, descrever de maneira crítica, a experiência vivenciada, contribuindo para a produção do conhecimento de um contexto específico, que por vezes, transcende o que parece ser a concretude da realidade. Como apontam Mussi, Flores e Almeida (2020), os relatos de experiência exigem um embasamento científico e reflexão crítica, articulando descrição informativa referenciada e diálogo com a prática (Mussi; Flores; Almeida, 2020), tornando-se instrumentos de formação e de pesquisa nos espaços educativos.

A Gincana foi desenvolvida no Colégio Estadual do Campo Edivaldo Machado Boaventura (CECEMB), no município de Feira de Santana/BA, onde 8 estudantes, uma supervisora e a coordenadora de área desenvolvem as atividades do subprojeto, Educação do Campo, por meio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A culminância da gincana interdisciplinar “Nordeste vivo, Ipuaçu presente: nossas vozes e nossas origens”, foi realizada nos dias 07 e 08 de agosto de 2025, com a participação de estudantes, professores e Licenciandos/as do curso de Licenciatura em Educação do Campo, nas áreas do conhecimento Ciências da Natureza e Matemática.

Embora a participação dos/as pibidianos/as, ainda tenha sido tímida, assumimos esse relato de experiência como possibilidade de refletir e analisar o vivido, para aprender com uma situação específica que envolveu conflitos, trabalho colaborativo e interdisciplinar, marcado pela interrelação entre escola, comunidade, saberes, culturas locais e regionais. Foi um movimento de retomada das memórias do vivido, dos registros conectados com muitas aprendizagens sobre planejamento participativo, postura colaborativa, diálogo, aprendizagem e não aprendizagem, diversidade, medos, incertezas que envolvem o trabalho docente e nos aproximam dos desafios de apropriação dos saberes que, de acordo com Freire (2016), são indispensáveis ao exercício da docência.

O desenvolvimento da gincana envolveu atividades interdisciplinares, como a “Corrida dos Números”, construção de mascote e grito de guerra, elaboração coletiva do hino e do brasão da escola, articulando diferentes disciplinas (por exemplo, Matemática, Português, Cultura Popular), valorizando





os saberes do campo e das comunidades de origem dos estudantes. Como instrumentos de coleta de informações, utilizamos observação participante, registros imagéticos e escritos.

A análise dos resultados se deu por meio da articulação entre as informações e a reflexão teórica, o que possibilitou interpretar não apenas o que se fez, mas os significados mobilizados pelos sujeitos durante a prática. Em consonância com Mussi; Flores; Almeida (2020), adotou-se uma estrutura de descrição referenciada e crítica, que permite a sistematização de vivências de forma a contribuir para o conhecimento científico.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Tivemos a oportunidade de viver uma experiência única, participando de uma gincana com o tema “Identidade, Territorialidade e Sustentabilidade”, que teve como objetivo principal celebrar a identidade nordestina, valorizar o pertencimento territorial e incentivar a construção coletiva de saberes tradicionais. A comissão organizadora foi composta por um grupo de 7 professores/as, que prepararam as provas articulando cultura, aprendizado e diversão, ao tempo em que promoviam integração entre estudantes, professores e a comunidade escolar.

As equipes foram definidas por cores e representaram alguns estados do Nordeste: Amarelo (Maranhão), Laranja (Alagoas), Verde (Rio Grande do Norte) e Branco (Paraíba). Essa organização ajudou na identificação de cada grupo e trouxe o desafio de pesquisar sobre a cultura, a história e as tradições do estado escolhido.

Pensando nessa perspectiva, vivemos momentos de muita alegria, união e superação, mas um deles, em especial, nos tocou profundamente. A turma do sétimo ano, representada pela cor laranja, havia passado por uma perda dolorosa: uma colega querida havia falecido. Mesmo com o coração apertado, os colegas da estudante (in memoriam) decidiram participar, não apenas por si, mas também por ela.

No dia da prova do grito de guerra, o nome da estudante foi lembrado com emoção. Os colegas levaram um balão com seu nome, como forma de conexão com a presença da colega. A escola ficou em silêncio por um momento, e todos puderam sentir o amor e a saudade que envolvia aquele gesto simples, mas cheio de significado.





O que mais nos emocionou foi a escolha da fênix como mascote da equipe. Eles explicaram que a fênix simboliza a turma: uma ave que renasce das cinzas, representando o recomeço, a força e a esperança. Aquele símbolo ganhou vida naquele momento, mostrando que, mesmo diante da dor, a

amizade e a união podem transformar o luto em lembrança e a tristeza em força para seguir em frente. Foi uma experiência que marcou a todos nós, um lembrete de que o verdadeiro espírito da gincana não está apenas nas provas e nas vitórias, mas nos sentimentos que nos unem e nos fazem renascer juntos.

Em outro momento vivenciamos na prática uma situação de inclusão, muito significativa. Em uma das equipes, tivemos a participação de uma aluna com suspeita de hiperatividade, que se envolveu em todas as atividades com entusiasmo e alegria. Desde o início, ela participou junto aos colegas, colaborando nas provas, sorrindo e se divertindo, mostrando que o espírito coletivo é muito mais profundo do que a competição, envolve acolher e caminhar juntos.

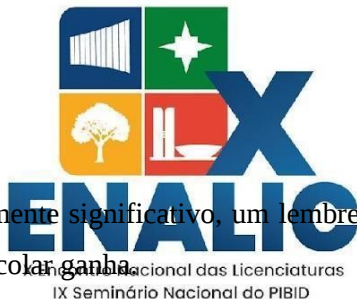
A escola, por valorizar e promover a inclusão social, ofereceu um ambiente onde todos puderam participar de forma igual, leve e divertida. Foi possível perceber o quanto esse espaço acolhedor faz diferença na vida dos estudantes, permitindo que cada um se sinta pertencente e valorizado.

O momento do grito de guerra dessa equipe foi também de muita emoção. A jovem participou com uma energia contagiante, cantava, dançava e incentivava os colegas com brilho nos olhos. Sua alegria tomou conta do grupo e fez com que todos se unissem ainda mais. Essa experiência nos mostrou que a inclusão não é apenas um princípio, mas uma vivência que transforma. Como ressalta Fernández (2010):

“A inclusão escolar não se resume à presença física do aluno na escola, mas ao seu efetivo participar e sentir-se valorizado, respeitando suas diferenças e promovendo sua autonomia e desenvolvimento social e emocional.” (2010, p. 45)

Ver o envolvimento e a felicidade daquela aluna nos fizeram refletir sobre a importância de garantir que cada pessoa se sinta parte da escola, reconhecida e respeitada em suas diferenças. Foi um





momento simples, mas profundamente significativo, um lembrete de que quando a inclusão acontece de verdade, toda a comunidade escolar ganha.

Durante o jogo “Corrida dos números”, vivenciamos uma situação que nos chamou muito a atenção. Tratou-se de uma atividade organizada da seguinte forma: cada grupo escolheu um integrante para representar a equipe durante a prova e, no total, participaram quatro pessoas. Na mesa, havia várias perguntas de matemática em sequência, como soma, divisão, multiplicação e subtração. Cada

participante precisava responder uma questão, e quem errasse perdia a vez, passando para o próximo. Ganhava quem conseguisse responder todas as perguntas corretamente.

Enquanto o jogo acontecia, percebemos que uma das meninas demonstrava muita dificuldade. Quando a professora fez uma pergunta, ela respondeu dizendo que não sabia e que nem ia tentar responder, pois achava que não conseguiria acertar. Nesse momento, deu para perceber como a não aprendizagem da matemática pode afetar o aluno, tanto no desempenho quanto na autoestima.

A dificuldade em compreender os conteúdos matemáticos faz com que muitos estudantes desenvolvam medo e insegurança diante da disciplina. Essa aluna, por exemplo, mostrou-se desmotivada e sem confiança em si mesma, evitando até tentar participar. Esse comportamento é um reflexo comum da não aprendizagem, que vai muito além de não dominar o conteúdo: ela interfere nas emoções, na autoconfiança e na forma como o aluno se vê diante dos desafios da aprendizagem. “Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha práxis educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo.” Freire (2016, p. 38). Essa experiência nos fez refletir e entender que a não aprendizagem da matemática não se resume à falta de conhecimento, mas pode estar relacionada também à falta de apoio, incentivo e acolhimento durante o processo de ensino. Quando o estudante não é estimulado, ele passa a acreditar que não é capaz, o que reforça ainda mais suas dificuldades. Por isso, é importante que o professor busque estratégias lúdicas, acolhedoras e motivadoras, mostrando que o erro faz parte da aprendizagem e que todos têm capacidade de aprender, mas precisam das condições objetivas para que as aprendizagens sejam consolidadas.

Durante as provas de caráter cultural, tivemos um momento muito rico com a participação das mascotes. A equipe que representou o Maranhão se destacou bastante, pois fez a mascote do Bumba Meu Boi. Essa escolha foi muito interessante, já que o Bumba Meu Boi é elemento da cultura tradicional da região Norte e é reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil. Essa





atividade despertou a criatividade e o talento dos estudantes, que se dedicaram na produção da arte e mostraram muito envolvimento e alegria durante o processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relato teve como principal objetivo registrar e analisar a experiência vivenciada pelos estudantes do PIBID na gincana, potencializando a construção do conhecimento coletivo, a interação entre a construção do conhecimento e o fortalecimento do desenvolvimento territorial, indispensável para a Educação do Campo, com um olhar para as atividades interdisciplinares. A forma como ocorreu a integração entre os saberes adquiridos na escola e os saberes da cultura popular da comunidade e da nossa região Nordeste como um todo promoveu o incentivo ao trabalho coletivo, às habilidades artísticas, à criatividade e à solidariedade dos estudantes. Demonstrou, também, como a gincana e outras atividades interdisciplinares contextualizadas podem promover a aproximação entre escola e comunidade, reafirmando a importância de práticas conectadas às Diretrizes da Educação do Campo, que promovam uma educação capaz de atender às necessidades e particularidades das comunidades camponesas.

Conforme defende Fazenda (1994), a interdisciplinaridade depende mais da interação entre pessoas do que da simples junção de áreas do conhecimento. Nesse sentido, a gincana mostrou que o aprendizado se torna mais efetivo quando ocorre em parceria, com diálogo e cooperação. Os momentos de emoção e inclusão, como a homenagem à colega falecida e a participação da aluna em processo de avaliação, reafirmam o valor humano e social da escola, que se consolida como espaço de acolhimento e pertencimento. Mostrando que é possível ensinar e aprender de forma efetiva, para além do ambiente formal de uma sala de aula.

Na gincana, tivemos diversos momentos de brincadeira e muita diversão. Entendemos que as brincadeiras também são momentos formativos e muito relevantes na construção de aprendizagens, pois, além de permitirem conhecer a vivência de diferentes culturas no nosso país, trouxeram-nos a percepção de que uma forma de ensinar fluida, tem a capacidade de transformar a escola em um





espaço de construção de conhecimentos que acontece de maneira prazerosa para os alunos, sem abrir mão de seu papel pedagógico e de outras obrigações enquanto instituição educativa.

Aprendemos que é necessário repensar e incentivar os estudantes, acolhendo suas dificuldades e buscando caminhos que tornem o aprendizado possível. Como futuros docentes, essa vivência foi extremamente significativa, pois nos fez compreender que ensinar envolve sensibilidade, escuta e adaptação constante. Entendendo isso, aprendemos também quando a experiência da aprendizagem da matemática não se efetivou, pois percebemos o quanto o professor tem um papel essencial nesse

processo. É importante refletir sobre as práticas que devem ser adotadas para lidar com essas situações, pensando sempre em estratégias que favoreçam o desenvolvimento do estudante.

A participação na gincana do CECEMB e a elaboração deste relato de experiência foram experiências enriquecedoras para nós pibidianos. A gincana nos permitiu vivenciar a interdisciplinaridade na prática, as provas contextualizadas nos inspiraram a desenvolver métodos de ensino que dialoguem com a realidade dos estudantes do campo, preparando-nos como futuros professores, nos impulsionando a desvelar outras possibilidades de construção de conhecimentos, na aprendizagem contínua da docência.

## REFERÊNCIAS

CALDART, Roseli Salete. *Educação do Campo: notas para uma reflexão inicial*. In: ARROYO, Miguel; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica (Orgs.). **Por uma educação do campo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.

FAZENDA, Ivani Arantes **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa** 11ª Edição Campinas, SP - Editora Papirus - 1994

FERNÁNDEZ, M. **Inclusión educativa y desarrollo social en la escuela**. Madrid: Editorial Educación, 2010.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. 53ª Edição Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

MUSSI, Ricardo Fraklin de Freitas; FLORES, Fabio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. **Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico**. Práxis





Educacional, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60–77, 2021. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 12 out. 2025.

